

REVISTA PORTO

Programa de Pós-Graduação em História da UFRN

Volume 1 | Número 2 | 2012.1

**De uma região ruína à nova Califórnia do Brasil: a
reviravolta do Nordeste**

**Title: From 'região-ruína' to 'Nova Califórnia' of
Brazil: The turnabout of Nordeste.**

Sylvie Brunel

Professora agrégée em Geografia - Universidade Paris IV - Sorbonne.

Doutora em Economia e mestre em Direito Público.

Revista Porto 1 (2): 3-23 [2012]

Recebido em 27/06/2012 – Aprovado em 20/08/2012

REVISTA PORTO

Resumo: O artigo reconstitui a transformação do Nordeste do Brasil, por muito tempo considerado por numerosos geógrafos e humanitários franceses como a região perdida do desenvolvimento brasileiro. Analisa os fundamentos da recuperação de uma região que, depois de ter sido marginalizada, representando a desnutrição e a pobreza, converteu-se num dos fundamentos do crescimento brasileiro, não obstante a persistência de grandes desigualdades internas. O texto é extraído do livro *Géographie amoureuse du monde* (Paris: Éditions Jean Claude Lattès, 2011).

Palavras-chave: Mundialização. Turismo. Desenvolvimento.

Abstract: This article retraces the transformation of northeastern of the Brazil, for long time considered by many geographers and humanitarians of France as the 'lost region' of Brazilian development. Also examines the fundamentals of the region's recovery that, after its marginalization, and their characterization as a representation of malnutrition and poverty, became one of the foundations of Brazilian growth, despite the persistence of large internal inequalities. The text was excerpted from the book 'Géographie amoureuse du monde' (Paris: Éditions Jean Claude Lattès, 2011).

Keywords: Globalization. Tourism. Development.

Quando eu atuava nos Médicos sem Fronteiras, Rony Brauman, que então dirigia a ONG, e Claude Malhuret, que a presidia, me enviaram ao Nordeste do Brasil.¹ Estávamos em 1985. Eles acabavam de criar uma fundação dedicada a indagar sobre as verdadeiras razões do sub-desenvolvimento. O discurso dominante então atribuía o sub-desenvolvimento à colonização e àquilo que era chamado de troca desigual entre países ricos e países pobres, uns explorando cinicamente os outros, enriquecendo às suas custas. Os médicos da MSF, que se viam encarregados de confrontar-se com a fome e os deslocamentos forçados de populações na Etiópia, a guerra em Moçambique e em Angola, a situação dos refugiados guatematecos em Salvador, consideravam essa explicação um tanto reducionista. Eles queriam saber mais sobre isso, convencidos de que na base da miséria no mais das vezes encontrava-se a opressão. Somente a democracia e o respeito pelos direitos humanos podiam permitir a um país escapar de modo definitivo ao sub-desenvolvimento.

O que hoje parece uma evidência era alvo de ataques de uma violência que me estarrecia. Eles tinham ousado investir contra um dos bezerros de ouro da época, o terceiro-mundismo, difundido por arautos tão célebres quanto virulentos, liderados por René Dumont, os quais acusavam os MSF de levantar a bandeira da nova direita americana, conservadora, reacionária e liberal, três taras absolutamente inaceitáveis para uma esquerda persuadida de encarnar sozinha os valores morais, o altruísmo e a verdade.

Insultos, altercações, confrontos na mídia, eu assistia a tudo aquilo estupefata, eu que tinha chegado diretamente da minha província, jovem geógrafa que acabara de sair da universidade. Dirigi uma carta inflamada a Claude Malhuret dizendo-lhe que queria refletir com os médicos sem fronteiras cuja « sala de espera tinha seis bilhões de homens » - sua campanha de publicidade tinha marcado minha adolescência – sobre as condições e os limites do sub-desenvolvimento nos países do Terceiro Mundo.

Minha carta o havia tocado, ele tinha me convocava e depois de algumas hesitações durante as quais eu fui solicitada a provar a mim mesmo minhas capacidades de modo voluntário, a equipe local decidira me recrutar para dirigir a pesquisa no seio dessa fundação tão desprezada, que carregava, entretanto, o nome de Liberdade sem Fronteiras. Eu queria

¹ Traduzido do original francês *D'une région épave à la nouvelle Californie du Brésil: le retournement du Nordeste*. Tradução de Raimundo Arrais.

desenvolver pesquisas de campo, confrontar os pressupostos com os fatos, colocar em aplicação essa geografia cujos métodos de trabalho e resultados me enchiam de alegria...

Uma geografia da fome

Foi desse modo que a MSF me enviou para pesquisar no Nordeste do Brasil, com a missão de decifrar as verdadeiras causas da fome nessa região que na época absorvia o interesse da mídia e das ONG. Naquela época, as caixas postais já estavam inundadas de cartas de solicitação da parte das organizações humanitárias, esses famosos mailings enviados aos milhares.

Lembro-me muito bem do mailing que havia motivado essa missão. Ele apresentava um mapa do mundo na qual alguns países vinham pintados de preto. A legenda dizia que ali a fome era permanente e inaceitável. Em preto, o Sahel, a Somália, o Sudão, a Etiópia ... e o Nordeste do Brasil, vítima de uma terrível seca havia cinco anos.

Os Médicos sem Fronteiras acreditavam que o mailing era mentiroso e exagerado e eles queriam que eu apurasse as causas da fome no Nordeste. A região parecia emblemática, num país emergente ainda castigado pela ditadura militar: a seca, o excedente populacional eram suficientes para explicar a situação dramática dessa região? Eles contavam comigo para elucidar a questão.

Então eu parti com uma médica, Caherine, que falava perfeitamente português: ela se preparava para casar-se com um colega moçambicano, reencontrado em missão. Em Fortaleza, outro médico nos esperava, Adalberto Barreto. Graças a sua intervenção, a Universidade Federal do Ceará nos cedeu um motorista e um carro, e nós percorremos o Nordeste, encontramos muitas personagens que lutavam pelo seu desenvolvimento, e realizamos as pesquisas.

Investigar eu sabia: antes de me dedicar à geografia, eu tinha estudado jornalismo. A universidade em seguida me proporcionou as reflexões acadêmicas: como encontrar e ler tudo o que foi publicado a respeito de uma questão antes de pretender oferecer sua própria contribuição. Graças a Catherine não havia barreiras de língua. Graças ao motorista, era

possível irmos a todos os lugares nas melhores condições... O coitado, quando voltamos para a França, nos confessou que nunca tinha trabalhado tanto na vida!

Depois de vinte anos de ditadura, o Brasil enfim acabava de se reconciliar com a democracia. Infelizmente o primeiro presidente, Tancredo Neves, havia morrido algumas semanas depois de sua posse; o vice-presidente que o substituíra institucionalmente, José Sarney, ainda era muito ligado aos militares e à oligarquia latifundiária, maioria no parlamento brasileiro.

Quando em 1964 os generais tomaram o poder no Brasil, eles haviam apostado num modelo de desenvolvimento fundado sobre o agronegócio, deixando de lado a classe dos produtores familiares, privada de mercados. O Brasil era então um país do Terceiro Mundo que possuía uma maioria de não-consumidores, nas favelas e no campo. E nesse país subdesenvolvido, o Nordeste representava uma região irremediavelmente pobre, atrasada, dependente da ajuda uma vez que não era viável economicamente. Uma região da fome.

Professor de medicina na Universidade do Brasil antes de tornar-se presidente da FAO, Josué de Castro havia publicado em 1949 um livro sobre a fome no Nordeste que se tornou uma obra de referência: *Geografia da fome*. Três anos mais tarde, em 1952, ele ampliava sua reflexão numa obra que tratava dos problemas alimentares no mundo, *Geopolítica da fome*.

O sopro do sertão

A fome no Nordeste tem uma história antiga. Quando chegamos lá, Catherine e eu, ela devastava o sertão. Esse Sahel americano tinha assumido o aspecto de uma estepe desolada, tostada pela seca. Os pequenos agricultores tentavam sobreviver abastecendo-se com todo tipo de plantas e animais que não consumiam em tempo normal, como lagartos, roedores e mesmo insetos. Pairava no ar das cidades o odor abominável de álcool extraído da cana de açúcar utilizada como combustível. Todos os táxis do Recife, velhos fuscas de cor laranja, rodavam com etanol. Os carburadores deviam estar desregulados, ou o sistema ainda não estava aperfeiçoado, o fato é que a poluição nas cidades parecia atingir níveis recordes.

Entretanto, muito rapidamente, a evidência se impusera a nossos olhos: não somente o Nordeste não era de modo nenhum a região árida e atrasada apresentada no exterior, como a fome crônica – que era mais do que a fome – facilmente poderia ter sido contida. Nós não imaginávamos então que estávamos na véspera de uma mutação profunda na região, que iria em menos de duas décadas transformá-la em um polo de grande desenvolvimento.

O Nordeste é historicamente o berço do Brasil. A antiguidade de seu povoamento explica o fato de ela ser a única região do Brasil composta de nove estados de dimensões relativamente pequenas comparadas à imensidão daqueles do Centro e do Sul e exibir uma identidade cultural muito forte, produzida pela história e pela adversidade.

De modo esquemático, pode-se dizer que nessa região, com três vezes a extensão da França, abrigando uma população de 50 milhões de habitantes, as densidades e as precipitações vão diminuindo no sentido leste-oeste, o que permite que se distingam três Nordeste, três territórios complementares no sentido litoral-interior: primeiramente o litoral da Mata, bem cultivado, essencialmente voltado para a cultura da cana de açúcar desde o século XVI, que é a zona mais moderna, a mais industrializada, a mais urbanizada; em seguida o Agreste, zona intermediária composta de pequenas propriedades orientadas historicamente para o abastecimento da Mata açucareira com diversos produtos alimentares; enfim, imenso, o interior semi-árido consagrado à criação de gado, que abastecia de carne as áreas litorâneas. O nome dessa vasta estepe interior, revestida de uma mata seca chamada caatinga, popularizada pela literatura, a música, a história, é sertão.

A força histórica do Nordeste foi forjada pela cana de açúcar. No século XVIII, a Mata abastecia o mundo inteiro. O poderio dos senhores da cana e do engenho era imenso. Os senhores de engenho fizeram recuar para o interior os primeiros ocupantes, os indígenas, trouxeram escravos negros para ocupar o lugar deles e dominaram a partir de grandes propriedades exploradas pela monocultura da cana de açúcar, um trabalho extenuante.

O grande sociólogo brasileiro Gilberto Freyre descreve essa sociedade fortemente hierarquizada, de estruturas feudais, que persiste nas mentalidades mesmo que a escravidão tenha sido abolida no Brasil em 1888. O trabalho nas plantações continua sendo um trabalho

duro, exaustivo, degradante. Em 1980, *O açúcar e a fome*², um livro escrito por Robert Linhart descreve o cotidiano extenuante dos miseráveis diaristas, os bóias-frias que dependem de um emprego precário e mal ganham seu pão se esfalfando nos canaviais.

A Mata fez a riqueza do Brasil no século XVIII, antes de entrar em declínio no momento em que o açúcar de beterraba, estimulado por Napoleão, fê-la perder sua utilidade econômica. Depois de ter sido a região de vanguarda, o motor do desenvolvimento brasileiro, o Nordeste se torna o que o geógrafo Hervé Théry qualifica de região-ruína. O centro de gravidade do país, assentado sobre ciclos sucessivos, se deslocou na direção do sul : depois do açúcar, o ouro de Minas Gerais, depois o café de São Paulo. A capital reflete esse deslocamento, passando em um século de Salvador da Bahia para o Rio de Janeiro, antes de estabelecer-se no centro no centro geográfico do país, em 1960, com a intenção das autoridades brasileiras de construir Brasília.

O sertão ocupa um pouco mais da metade da superfície do Nordeste. Na época da conquista do território pelos portugueses, o rei recompensava os bravos soldados concedendo-lhes imensas extensões de terra, de mais de 10.000 hectares cada uma. Hoje ainda um quarto das terras pertence a menos de 1% de proprietários, os coronéis, que geralmente não residem no local e entregam a sua exploração a administradores. Esses grandes domínios são ocupados por vaqueiros, o que faz do sertão um imenso faroeste, uma caatinga percorrida por tropas bovinas de chifres em forma de lira, os quais, poucos têm conhecimento disso, foram trazidos da Índia no começo do século XX.

Desse modo, o Nordeste semi-árido do interior é aquele dos vaqueiros e dos pequenos agricultores sem título de terra, os moradores, que cultivam o algodão e alimentos no interior das fazendas, recebendo como retribuição pelo trabalho, uma parte de sua produção. O feudalismo agrário reina: o grande proprietário concentra o poder econômico e político, controla a cooperativa e o sindicato. Quando fui ao Nordeste, em 1985, uma grande parte das terras era deixada inexplorada, apesar do sub-emprego em que vivia uma parte da população.

A despeito de sua aparente aridez, a região não carece de água: numerosos rios, entre eles o grande São Francisco, atravessam seu território. Todavia, mais do que a insuficiência

² LINHART, Robert. *Le Sucre et la faim: enquête dans les régions sucrières du Nord-Est brésilien*. Paris: Minuit, 1981. Edição brasileira: LINHART, Robert. *O açúcar e a fome*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981 (N.T.).

global de precipitação, é sua irregularidade e sua variabilidade que caracterizam o sertão. Pode acontecer de não chover durante vários meses, ou vários anos. Em 1877, uma seca « bíblica » provoca a morte de 250.000 pessoas e inspira a um dos mais célebres intelectuais brasileiros, Euclides da Cunha, sua grande reportagem, *Os Sertões*. Publicado em 1902, o livro consolida a imagem do Nordeste como terra de êxodo e fome, mas também de lutas sociais reprimidas pela pressão de uma poderosa oligarquia de latifundiários.

A história do Nordeste tornou-se assim a história dos « flagelados », as vítimas do flagelo que se abate em intervalos regulares sobre a região, tostando as lavouras e atirando nas rotas do êxodo milhares de miseráveis, em busca de recursos e de assistência.

As cidades da região, Fortaleza, Recife, Salvador, mas também aquelas situadas no sul do país, incharam demograficamente com essa migração. A história familiar do ex-presidente Lula é a história dessa migração. São Paulo, bem como o Rio, foram o ponto de chegada de uma imensa diáspora nordestina. A tal ponto que a origem da palavra favela vem dos Nordestinos: os bairros espontâneos onde se amontoavam esses migrantes do desespero foram designados desse modo porque seus moradores se alimentavam de uma fava desconhecida do resto do país. Hoje, para designar a ocupação espontânea e ilegal de um morro pelas pessoas vindas do interior, os brasileiros preferem falar de invasão... A realidade é a mesma: os barracos empoleirados sobre terras devolutas, morros e alagados, cercados de lixo, ameaçados por deslizamentos de terra, explosões de violência e incursões da polícia, mas que desfrutam da vantagem da proximidade dos bairros ricos, poupando a seus ocupantes os deslocamentos pendulares intermináveis e penosos.

Apesar de contente por dispor à sua porta de domésticos, porteiros, motoristas, o brasileiro rico se protege de uma promiscuidade considerada perigosa, blindando sua propriedade com altos muros, encimados por cacos de vidro, e contratando vigilantes armados. A segregação em curso na sociedade brasileira, tanto espacial como social, continua impiedosa. A tal ponto que a primeira preocupação daquele que se enriquece e não tem como se mudar é mandar colocar em volta da sua casa os mesmos muros com as mesmas pontas de metal que protegem as residências dos ricos, a classe favorecida à qual ele aspira pertencer, suspeitando fortemente de seus semelhantes com grande determinação, pois conhece muito bem as pretensões deles. No Nordeste do Brasil, as desigualdades são ainda mais intensas.

Secas bastante úteis

Ali, como ocorre em numerosos outros países em todo o mundo, cada episódio de seca desvenda a disfunção política que marca o Nordeste. Sua instrumentalização pelos poderes locais permite captar numerosos subsídios federais. Cada situação de urgência desencadeia volumes de ajuda colossais, como se a crise, apesar de recorrente, cada vez que aparece apanhasse a todos desprevenidos.

Em 1936, o governo brasileiro definiu um perímetro administrativo no interior do qual as prefeituras estão habilitadas a receber ajudas federais importantes. Ali, os desafios financeiros são tão grandes que representam um triunfo. O « polígono das secas » se estendeu continuamente na direção do sul ao longo das décadas, a ponto de incluir Minas Gerais e o vale do rio São Francisco nos anos sessenta. Enquanto o sertão, com 850.000 km², não representa senão um pouco mais da metade da superfície do Nordeste, o polígono chega a englobar três quartos dessa área! O clima é um bode expiatório quando se trata de arrancar ajuda pública, esse é um fato muito atual.

O Nordeste é a principal região beneficiária da ajuda federal. Desde o fim do século XIX, o governo brasileiro decide responder à falta d'água cavando reservatórios, os açudes, destinados a armazenar água. O primeiro grande reservatório do Nordeste, Quixadá, é construído em 1881. Sucedem-se mais de 70.000 açudes ao longo do século XX! O maior dentre eles, Orós, no Ceará, iniciado em 1958 pelo presidente Kubitschek, abrange 200.000 hectares, mas ele rompe em 1960 e inunda a cidade próxima de Limoeiro do Norte: muitos açudes foram construídos às pressas e foram mal planejados.

Catherine e eu percorremos a região. Rapidamente, o paradoxo do Nordeste se impõe a nós. Quando a seca se abate sobre o sertão, queimando e amarelando tudo, a água dos açudes continua a brilhar na estepe... Nesse meio que recebe, em quase todos os lugares, mais de 400 mm de chuva por ano, o que significa para os geógrafos o limiar da semi-aridez, a água existe, mas ela não chega onde deveria chegar. A maior parte dos reservatórios não permite qualquer lavoura. O Nordeste é o espaço do mundo mais servido de barragens e o menos utilizado!

Entretanto, o governo brasileiro criou em 1945 uma estrutura encarregada de estabelecer perímetros irrigados, mas os pequenos agricultores fogem daquilo que o geógrafo Raymond Pebayle qualifica de «oásis tecnológico»: o individualismo sertanejo se adapta mal às numerosas obrigações, como moradias agrupadas, calendário regulador das lavouras, imposição de métodos de trabalho, gestão técnica e administrativa, obrigação de vender a colheita à preços regulados... De modo que muitos açudes ficam sem utilidade. A não ser, e isso é muito importante para a compreensão da sociedade local, para dessedentar o gado.

Quando os camponeses do Nordeste, os sem-terra, os desclassificados, aqueles que são empregados nas fazendas gigantescas, sofrem vendo desaparecerem suas safras e suas rendas, quando têm de abandonar suas terras calcinadas pelo sol, se lançando nas estradas para não morrer de fome, as imensas tropas bovinas continuam a beber nos grandes reservatórios. Cruel repartição de recursos, que permite que os animais subsistam com a água dos reservatórios e empurra os camponeses para o exílio!

Os grandes latifundiários são também os grandes beneficiários das secas: não apenas seus rebanhos sobrevivem, como também, na medida em que eles distribuem o alimento aos camponeses nas frentes de trabalho de trabalho, engajados na construção de grandes obras, no primeiro plano das quais se encontram novos açudes, a seca reforça o clientelismo local! Cultivar a imagem miserabilista da região, apresentá-la como hostil, a aridez como extrema e sem remédio, é para a oligarquia latifundiária o mais seguro meio de reforçar seu controle sobre os pequenos camponeses isolados e dependentes, que à cada nova eleição votam em massa nos seus benfeitores.

Os programas de ajuda do governo federal alimentam assim o que um geógrafo brasileiro, Jorge Coelho, qualifica de « indústria da seca »: cada crise é uma benção para os grandes proprietários situados no polígono das secas porque ela resulta num desencadeamento de subsídios federais, cuja principal consequência é melhorar seu domínio a partir das frentes de trabalho e reforçar seu poder político e financeiro!

Os sindicatos e as ligas camponesas foram sistematicamente decapitadas pelos militares e pela oligarquia latifundiária durante os anos da ditadura, entre 1964 e 1984, mas uma parte da igreja, liderada pela figura de proa de Leonardo Boff, tentou mobilizar as comunidades camponesas desenvolvendo nos anos 70-80 a Teologia da Libertação. Boff foi

intimidado ao silêncio no início dos anos 80, antes de voltar à cena nos fóruns sociais mundiais. A igreja no Nordeste sempre esteve muito próxima dos latifundiários, ela mesma sendo detentora de vastas propriedades, mas a principal figura do reformismo ali foi o arcebispo do Recife, Dom Helder Câmara, que se opôs à ditadura militar e assumiu a frente do movimento das comunidades eclesiais de base, até ser despojado das vestes episcopais por João-Paulo II em 1985.

O lobby dos grandes latifundiários no parlamento brasileiro continuou muito poderoso. Nem mesmo Lula pode deixar de considerá-lo, renunciando à reforma agrária radical cuja promessa o havia levado ao poder. O mal profundo do Brasil continua intacto: é a dimensão recorde das desigualdades fundiárias e sociais, apesar dos esforços despendidos pelos governos reformistas, de Getúlio Vargas nos anos 1930 até Lula sessenta anos mais tarde.

Industrializar o Nordeste ou desviá-lo para a Amazônia?

Nos anos 80, a situação parece estagnada. Apesar de um século de luta, aparentemente nada mudou no Nordeste. Entretanto, nenhuma outra região do Brasil beneficiou-se tanto de esforços de investimento e de planejamento.

A abertura dos reservatórios foi acompanhado de um investimento industrial excepcional: o Nordeste foi beneficiado nos anos sessenta de um esforço de desenvolvimento planejado comparável ao que ocorreu no mezzogiorno italiano. Para reforçar a coesão do espaço nacional e integrar a região problemática do país, o governo decidiu implantar ali, com grandes medidas de subvenção e de isenção fiscal, centros industriais e fazendas irrigadas.

A SUDENE (Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste) foi criada em 1960 com o objetivo de corrigir o abismo de riqueza colossal que separava a « região-ruína » do resto do país em fornecedor de emprego industrial e oportunidades econômicas. Vieram à luz numerosos projetos industriais, financiados pelo poderoso Banco do Nordeste. Eles resultam na intensificação do peso das cidades do litoral em detrimento do interior, agravando o êxodo rural. O Nordeste continua o Terceiro Mundo do Brasil: a ausência de mercado local penaliza as empresas criadas por razões essencialmente fiscais, a mão de obra é

inegavelmente abundante mas é pouco qualificada. Investir no que é uma periferia sub-desenvolvida do Brasil rico, o Brasil do sul, não é rentável. É verdade que a SUDENE realiza um importante esforço de construção de estradas, de eletrificação, de instalação de equipamentos de energia, mas ela esbarra numa estrutura social, fundiária e econômica arcaica, consome créditos colossais e afunda na burocracia e no clientelismo.

O governo brasileiro tenta outra via: resolver o problema do Nordeste partindo de fora do Nordeste. É lançado, em 1970, o Programa de Integração Nacional (PIN). Lançar uma parte do excedente populacional nordestino no imenso vazio da Amazônia, era matar dois coelhos com uma só cajadada: solucionar a pobreza de um espaço populoso mas repulsivo, povoando um espaço cobiçado mas vazio. Depois de cinquenta anos, os brasileiros receiam que a floresta amazônica tenha o mesmo destino da Antártica e se torne, em nome do interesse superior da humanidade, um território internacional sob o governo mundial. Os movimentos ecologistas não a designam como o « pulmão do Globo »? Erroneamente, pois uma floresta tropical madura, ao se decompor, emite tanto CO₂ quanto fornece oxigênio; verdadeiramente, uma vez que a imensa massa vegetal como a Amazônia ao conservar a humidade e absorver os raios solares, desempenha um papel importante na regulação do clima...

Assim, com o propósito de assinalar sua soberania sobre a floresta e ao mesmo tempo oferecer uma saída para os nordestinos pobres, os brasileiros colocam em ação uma política de colonização agrária da Amazônia: « terras sem homens para homens sem terras », esse era o lema da época.

Cultivar a Amazônia, afinal de contas, é simplesmente dar prosseguimento a uma história muito antiga. Os primeiros habitantes da floresta, os indígenas tupi e guarani, largamente dizimados pelo contato com o colonizador português, são doravante substituídos pelo caboclo, o pequeno pioneiro que, com o suor do seu braço armado com uma machadinha, luta para se adaptar num meio difícil em virtude de sua humidade, sua exuberância e sua insalubridade. Entretanto, a Amazônia não foi sempre uma imensa floresta pouco povoada. Ali podemos encontrar traços de civilizações antigas e manchas de savana, que mostram que o renascimento da floresta se situa numa história relativamente recente na escala da humanidade.

Mas a tarefa do caboclo se revela extenuante. Aparentemente férteis, os solos da floresta tropical são pobres porque muito pouco espessos: a natureza do substrato, o calor e a umidade fazem com que eles sejam rapidamente mineralizados. Explorados sem precaução, eles são arrastados pelas águas, deixando a rocha à mostra. O caboclo se encontra rapidamente confrontado com uma terra insuficiente para lhe fornecer a sobrevivência, e então ele a abandona, contrariado e forçado pela miséria econômica, isso quando não é caçado pela expropriação ilegal por aqueles que fazem uso de um título de propriedade retroativo, obtido por negociatas com administrações sujeitas ao suborno quanto mais elas são pobres e distantes de Brasília. Grilagem, como o grilo que danifica e envelhece prematuramente o documento fraudulento fechado numa gaveta...

Então o caboclo avança mais sobre a floresta, abrindo involuntariamente o caminho ao boi que segue a sua trilha. Atrás do boi, vem a soja, cuja demanda mundial cresce sem parar. O Brasil tornou-se o celeiro do mundo, alimentando os países emergentes, Oriente Próximo e Oriente Médio, África, Índia e, sobretudo China, cujas classes médias são ávidas por produtos alimentares transformados, de forte valor agregado, carne, derivados do leite, ovos...

O avanço da fronteira pioneira devora a Amazônia em suas margens e no seu cerne, mas a fragmentação da floresta vem ao encontro da intenção do governo brasileiro, que é aproximar do espaço nacional esse território cobiçado. Desse modo, o Brasil esquadrinha a Amazônia de rotas e de observação por meio de satélites há cinquenta anos, afim de estabelecer uma proeminência que ele considera contestada, não suportando ouvir as acusações frequentes de desmatamento, que lançam na atmosfera gigatoneladas de óxido de carbono e destroem grandes extensões de florestas primárias.

Entretanto, particularmente depois da era Lula, particularmente, as terras transferidas para as reservas indígenas e os territórios protegidos se ampliam. E aos Ocidentais que pretendem dar lições, os brasileiros, furiosos porque seus esforços de conservação e de regularização não reconhecidos como merecem, retrucam que somente 5% do território amazônico foi explorado, portanto bem menos que a Europa, e denunciam uma ecologia anti-humanista e anti-social, enquanto sua preocupação é gerar desenvolvimento econômico e lutar contra a pobreza de sua população.

A realidade é menos idílica: os defensores da floresta continuam a ser assassinados por milícias por ordem dos grandes proprietários, do mesmo modo como aconteceu com Chico Mendes em 1988, o seringueiro que desejava defender os companheiros, os pequenos seringueiros, os sem-terra e os indígenas, contra a poderosa oligarquia latifundiária brasileira. Um poderoso movimento de contestação se opõe, dentro do Brasil, à racionalidade do agronegócio. O teólogo Leonardo Boff agora esposa as teses ecologistas, concebendo um laço consubstancial entre a terra-mãe e aqueles que a ocupam. Mas a nova presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, não chega a defender os militantes da reforma agrária contra alguns grandes proprietários de terra, que aproveitam da fraca presença governamental na Amazônia para intimidar, por vezes executar, todos aqueles que reivindicam uma divisão mais igual das terras.

Uma nova Califórnia

Portanto, nem a política de construção de reservatórios, nem o desenvolvimento industrial induzido, nem a transferência de população para a Amazônia constituíram soluções para a pobreza do Nordeste, que parecia sem remédio.

E, contudo... Retornando a Fortaleza em 2010, um quarto de século depois de minha primeira viagem, não reconheci nada da cidade. Eu que tinha conhecido apenas uma região refém do êxodo, da pobreza, uma região que o resto do país olhava com uma piedade vagamente condescendente com a qual se recobre o indigente ou o doente da família, fiquei estupefata ao descobrir a que ponto, em menos de vinte anos, a antiga região-ruína tinha se tornado atrativa.

A palavra ruína choca profundamente Eustógio Dantas, meu colega da Universidade Federal do Ceará, que me recebe em Fortaleza e me mostra orgulhosamente a cidade. Os avós de Eustógio fazem parte desses nordestinos arrancados do campo pela miséria. O neto deles é professor da universidade e, sem renegar o passado, recusa que se continue a enquadrar sua região numa visão miserabilista. É preciso dizer que o forte crescimento do Nordeste faz com que atualmente ela se aproxime do resto do país em termos de renda.

A reviravolta ocorrida no Nordeste é exemplar. Com o fim da ditadura militar em 1984, que coloca fim a vinte anos de centralismo autoritário, a democratização do Brasil permite a emergência do poder dos estados e dos municípios. A descentralização operada pela reforma constitucional de 1989 faz com que percam o sentido os discursos miserabilistas mantidos pelas oligarquias fundiárias.

Ao contrário, ciosos de mudar a imagem repulsiva do Nordeste com a finalidade de atrair investimentos, despontam os empresários da região. Para tornar o Nordeste uma região atrativa, eles investem em três pilares: a cana de açúcar, os polos de desenvolvimento agrário e agro-alimentar, o turismo.

Com a cana-de-açúcar, o Nordeste retomou sua primazia de outrora: o Brasil conta com o combustível verde para se impor ao mundo como um dos líderes mundiais das tecnologias renováveis. Ora, o rendimento energético da cana é excelente, seis vezes superior ao do trigo, e os biocombustíveis não lançam na atmosfera esses gases de efeito estufa, hoje mundialmente rejeitados. Extinguem-se os odores nauseabundos que asfixiavam as cidades desde o lançamento do plano Pro-álcool em 1975: atualmente o Brasil está na ponta das energias limpas, veículos funcionando a etanol de cana ou « flex-fuel ». O etanol produzido à base da cana de açúcar aparece como a energia ecológica do futuro e a Mata tornou-se novamente proeminente.

Entretanto, agreste e sertão são também atingidos pelo boom econômico, que converte pouco a pouco a região numa nova Califórnia: pela incidência solar intensa e a redução dos insetos nocivos que ela impõe, a semi-aridez é um trunfo quando associada à irrigação. Reservatórios múltiplos, rios, riachos e lenções subterrâneos, a água no Nordeste é abundante. A demanda brasileira e internacional por produtos agrícolas de forte valor agregado, frutos tropicais, castanha de caju, cítricos, legumes frescos, arroz, milho, algodão, soja, permite à região valorizar enfim seus polos de desenvolvimento irrigados. Ela se inscreve doravante entre os grandes líderes mundiais do agronegócio moderno em termos de técnica de produção e de comercialização. O rio São Francisco irriga toda a região, em todos os sentidos do termo. Uma lei das águas, votada em 1997, e a reorganização da região em agências de bacias, com inspiração no modelo francês, permitiu reorientar a política hidráulica de um modo mais dinâmico, mesmo se alguns reservatórios continuam a ser geridos à moda antiga.

Uma política social ativa

Apesar das crescentes oportunidades que aparecem na região, a mecanização crescente da lavoura da cana e a emergência do agronegócio não eliminaram a pobreza. O Nordeste alimenta o mundo sem ter colocado fim à sua subnutrição, resume Eustógio. Ela continua preponderante entre os camponeses do interior, que se beneficiam menos dos novos mercados de trabalho que a população do litoral.

Contudo, as cooperativas de camponeses podem vender sua pequena produção, muito tempo marginalizada pelo agronegócio, a órgãos públicos que lhes asseguram preços compensadores. Do mesmo modo, elas são estimuladas a produzir biocombustíveis à base de óleos (mamona, girassol, pinhão) a empresas públicas que se beneficiam de isenção fiscal se adquirirem suas matérias-primas. Dessa forma, podem emergir estruturas até então inexistentes, por vezes combatidas pelas oligarquias latifundiárias. Para Lula, o biodiesel era o « combustível social » do Nordeste.

Entretanto, para lutar contra a pobreza, o mercado não é suficiente, mesmo se ele gera oportunidades. A metade das famílias da região se beneficia do programa Bolsa Família, que consiste em transferir uma renda mínima às mães sob a condição de que elas mantenham seus filhos na escola. A Bolsa Família, iniciada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, prosseguido e reforçado por Lula, teve um imenso impacto sobre a pobreza extrema do Nordeste. Hoje os pobres não estão mais forçados à mendicância ou à boa-vontade do fazendeiro. Mais da metade dos beneficiários desse programa nacional são nordestinos. Duplicação do salário-mínimo, implantação de um salário para as mães de família, generalização da aposentadoria, aquisição de produtos alimentares a preços fixados, para abastecer escolas, hospitais, asilos e creches, o programa social iniciado por Lula, que os pobres consideram seu benfeitor, se voltou para todos os ângulos da pobreza. Graças a esse enérgico plano de desenvolvimento econômico e social, o rosto do Nordeste mudou.

A costa da luz

A vanguarda turística, aventureira e elitista, não se enganou. Ela que se gaba de desbravar novos territórios, que explora e propaga de ponta a ponta, desembarcando agora

nessa região, maravilhosamente dotada de tudo o que o turismo procura: o sol, as grandes praias, o mar, uma natureza preservada, vilas de pescadores « autênticos » (o turismo adora a autenticidade!) que se espalham ao longo da costa.

Em 1985, eu tinha sido marcada pela beleza das praias imensas que envolvem Fortaleza, com suas falésias ocre e suas ondas magníficas. Mas naquela época soaria como cruel imaginar que a fome ia poder recuar graças à atração que poderiam exercer as dunas gigantes sobre a indústria mundial do turismo. Inteiramente voltado para o interior, o Nordeste havia esquecido seu litoral..

Hoje, tudo mudou. A geografia da região foi modificada. O Nordeste descobriu seu litoral e ele fascina o mundo. Não somente Salvador é o terceiro ponto mais visitado do país, depois do Rio de Janeiro e das cataratas do Iguaçu, mas o litoral nordestino se insere atualmente na mundialização como um dos lugares que é preciso conhecer!

As coisas caminharam muito rápido. O Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo do Nordeste lançado no início dos anos 90, se apoiava na promoção do litoral. Eis o Nordeste batizado de «costa luminosa». Um programa de construção de auto-estradas litorâneas retirou do isolamento a região de leste a oeste, permitindo o acesso a pequenas estâncias balneares. As classes médias urbanas chegaram. Os restaurantes em cabanas de palha se multiplicam, floresce uma incrível diversidade de esportes náuticos.

Em seguida os agentes imobiliários entraram em ação. O aeroporto de Fortaleza foi ampliado – mesmo que as bilheteria parem de funcionar depois das dez horas da noite, como em numerosas cidades do Brasil, onde a violência nunca está longe da riqueza. Logo no seu desembarque, o turista é tomado por imagens fulgurantes da Terra da Luz.

A receita funciona. Depois de ter sido alimentada pela miséria do interior, Fortaleza cresce porque simboliza a modernidade centrípeta da cidade de beira-mar. Em dez anos ela passou da décima primeira à quinta posição entre as cidades brasileiras!

O boom imobiliário dessa metrópole que descobre seu litoral depois de lhe ter dado as costas por muito tempo confere a ela uns ares falsos de Miami ou Waikiki, com pinceladas de Rio, é claro, porque as periferias ocupam as praias, por muito tempo deixadas de lado. Os imóveis brotam à beira-mar, tão próximos uns dos outros e num tal frenesi, que uma vista

para o mar ou uma fachada batida pelo sol de um dia para o outro podem ser perturbadas pela construção brutal e desordenada de uma nova torre, diante de sua janela, mergulhando para sempre seu belo apartamento na sombra cega de um arranha-céu.

Em Jericoacoara, cidade de pescadores por muito tempo isolada no coração de um imenso parque natural, Jericoacoara, onde as ruas são ainda de areia, recebeu um aeroporto internacional. Frequentado até então por uns poucos felizardos que vinham passar suas férias num cobiçado fim de mundo, onde as construções precárias brotavam da areia, Jericoacoara entrou na moda: seus hotéis estão lotados, os preços exorbitam. Os paulistas ricos da elite vão passar ali suas férias em família. No cair da noite, todo mundo sobe na grande duna para saudar o por do sol...

Hoje os turistas aprendem o kitesurf nos açudes, cuja vantagem é oferecer um espaço fechado e seguro, antes de passar para o oceano. A polícia patrulha a praia para evitar problemas de segurança, e há exhibições de capoeira, enquanto os cigarros de maconha desaparecem no interior de pousadas, que sofrem cada vez mais a concorrência de hotéis de luxo onde uma brigada de empregados cuida do bem-estar dos hóspedes. O aluguel de cavalos e de buggy prospera, apesar do estado lastimável desses pobres animais, tratados como máquinas de galope, mal alimentados e cobertos de feridas. Não longe dali descortina a extraordinária paisagem anfíbia do parque nacional Lençóis Maranhenses onde, depois de uma volta que permite evitar o estuário do Parnaíba, se chega rodando à toda velocidade pela praia. O desenvolvimento sustentável no Brasil ainda precisa progredir em alguns pontos!

A aridez como trunfo

Drama do camponês, o clima faz a felicidade do turista: chove tão pouco! A costa da luz hoje vende ao mundo a desvantagem da seca, aproveitando-a como uma oportunidade única. A UNESCO tombou como patrimônio mundial o centro histórico da cidade de Salvador, restaurado, com cara de cenário de cinema onde desfilam figurantes com trajés típicos, no lugar em que seus antepassados rebeldes eram acorrentados ao pelourinho. A Copa do Mundo de futebol de 2014 deu uma sacudida nos investidores. O Nordeste ingressou na modernidade.

É verdade que ainda existe pobreza, mas as fazendas agora se modernizam: acolher turistas, converter grandes extensões improdutivas em plantações de palmeiras e cajueiros, investir no ecoturismo para exibir aos turistas encantados pela costa as belezas do interior « preservado » - o turismo, sempre em busca de renovar-se, inventa novas possibilidades e se expande a partir do litoral.

Os vaqueiros se converteram em cowboys e os moradores, esses ocupantes sem título de propriedade, vão arrastando a vida em grande pobreza, testemunhos de um povo cuja identidade foi forjada no sofrimento: cangaceiros, pescadores, tecelões e artesãos foram convertidos em símbolo de um Nordeste ainda « autêntico », dentro de um Brasil dominado por um desejo febril de ascensão. Não ocorreria mais a uma ONG referir-se à região, convertida em lugar turístico de destaque, num mailing miserabilista... Hoje é nos catálogos das agências de viagem que se desdobram as paisagens e os povos da antiga « região-ruína ». Bastou uma geração para inverter seu destino.

Hoje, cinco dos nove estados (Sergipe, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba) chegam a ultrapassar a média da renda nacional! Somente o Piauí e o Maranhão, na rota da Amazônia, continuam muito pobres em razão de seu distanciamento dos grandes centros irradiadores da modernização do Nordeste.

Esse sucesso do Nordeste não impede a permanência de desigualdades recordes entre estados e no interior dos estados. O fenômeno é bastante conhecido: cada vez que uma dinâmica econômica se instala num país, ela beneficia primeiramente aqueles que estão mais bem posicionados para aproveitar a oportunidade de enriquecer, distanciando-se dos mais pobres. Apenas progressivamente o distanciamento pode ser eliminado, e somente se os poderes públicos conduzirem uma ativa política de redistribuição social.

No Nordeste, a estrutura fundiária herdada do passado e o fato de que o Brasil é um dos países mais desiguais do mundo – mesmo que as diferenças de renda tenham sido reduzidas com Lula – faz com que seja preciso tempo para se chegar a uma sociedade mais democrática.

Entretanto, o exemplo do Nordeste mostra que nada, em nenhum lugar, está definido para sempre, nem o fracasso nem o sucesso. Um Estado deve o tempo todo conduzir o

processo, corrigir seus erros, refazer seus projetos para conservar suas metas. A isso se chama hoje em dia «a boa governança», mesmo que aqueles que utilizam essa expressão a impregnam, na minha opinião, de uma dose excessiva de liberalismo: o mercado e as oportunidades da mundialização não podem desenvolver de forma sustentável num país sem uma boa dose de igualdade e de redistribuição.

O Estado deve conduzir uma luta permanente contra as desigualdades, geradoras de conflitos sociais e de violência. Amartya Sen, prêmio Nobel de economia 1998, de origem indiana, explica que os processos de desenvolvimento « financiados » (nos serviços públicos, na redistribuição) dão resultados mais lentos do que os processos de desenvolvimento « a partir do crescimento » (apoiados nos ricos e na classe dos proprietários), mas que eles são mais duráveis porque menos explosivos.

Nunca há fatalidade, nem de meio nem dos homens. As escolhas políticas e econômicas determinam o futuro de uma nação. Em menos de uma geração, um país sub-desenvolvido pode passar para a primeira linha, enquanto um outro, ao contrário, pode retroceder. É a história dos destinos inversos da China e da Rússia, da Ilha Maurício e de Madagascar, da Costa do Marfim e de Gana, da Coreia do Sul e da Coreia do Norte, da Tailândia e da Birmânia, do rico Zimbábue, celeiro da África austral, ao passo que o Malawi, país que depende da ajuda alimentar internacional, ao contrário, adota uma política de apoio à agricultura que o conduz à exportar produtos agrícolas.

Nenhuma situação é jamais definitiva: um país pobre pode se desenvolver no intervalo de alguns anos, um país rico pode sucumbir no sub-desenvolvimento. A mundialização embaralha as cartas, a determinação ou a incúria dos governos se encarrega do resto.

Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Manuel Correia de. *A seca: realidade e mito*. Recife: ASA, 1985.

_____. *Land and people in Northeast Brazil*. Université of New Mexico Press, 1980.

BRET, Bernard; GHORRA-GOBIN, Cynthia; MEDINA-NICOLAS, Lucile. *Géopolitique des Amériques*. Paris: Bordas, 2008.

BRET, Bernard. *Les hommes face aux sécheresses dans le Nordeste du Brésil*. Paris: EST/IHEAL, 1989.

BRUNEL, Sylvie; CABRAL, Nelson (dir). *Amazonie, Nordeste, Sahel, Politiques d'aménagement en milieux fragiles*. Paris: Unesco-L'Harmattan, 1991.

BRUNEL, Sylvie. *Le Nordeste brésilien, les véritables enjeux*. Paris: LSF, 1986.

CARON, P; SABOURIN, E. *Paysans du sertão, mutations des agricultures familiales dans le Nordeste du Brésil*. Montpellier: Cirad, 2002.

CASTRO, Josué de. *Géopolitique de la faim*. Paris: Les éditions ouvrières, 1952.

_____. *Géographie de la Faim, le dilemme brésilien: pain ou acier*. Paris: Seuil, 1964.

_____. *Une zone explosive, le Nordeste du Brésil*. Paris: Seuil, 1965.

COELHO, Jorge. *As secas do Nordeste e a Indústria das secas*. Petrópolis: Vozes, 1985.

COHEN, Marianne; DUQUE, Ghislaine. *Les deux visages du sertao, stratégies paysannes face aux sécheresses*. Paris: IRD éditions, 2001.

CLAVAL, Paul. *La Fabrication du Brésil*. Paris: Belin, 2004.

_____. *Le Brésil*. Paris: Cavalier Bleu, 2009.

DROULERS, Martine. *Brésil, une géohistoire*. Paris: PUF 2001.

_____. *L'Amazonie, vers un développement durable*. Paris: Armand Colin, 2004.

FURTADO, Celso. *O Nordeste: reflexoes sobre uma politica alternativa de desenvolvimento*. Fortaleza: UFC, 1984.

THÉRY, Hervé. *Le Brésil*. Armand Colin, 2005. *Le Brésil, changement de cap?* La Documentation photographique n.8042, 2005.

THÉRY, Hervé; MELLO, N. *Atlas du Brésil*. Paris: CNRS Libergéo-La Documentation Française, 2003.

LINHART, Robert. *Le sucre et la faim*. Paris: Minuit, 1980.

PEBAYLE, Raymond. *L'irrigation dans le Nordeste du Brésil*. Problèmes d'Amérique latine n. 4609-4610, p. 84-109, 1981.

SAYAGO, Doris et al. (dir.). *L'Amazonie, un demi-siècle après la colonisation*. Versailles: Quae éditions, 2010.

SILVA, José Borzachiello da et al. (dir.). *Litoral e sertão*. Fortaleza: UFC, 2006.

VELOSO, Patricia; LEAL, Angela Barros. *Ceará Terra da Luz*. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2010.